

Aspectos dos romances históricos tradicional e pós-moderno

Rejane de Almeida Ribeiro¹

Resumo: Este artigo aborda a relação entre Literatura e História nos romances históricos tradicional e Pós-Moderno, além de estabelecer algumas características definidoras desse gênero nos romances do passado e nos contemporâneos. Para tanto, ter-se-á em conta que historiadores e escritores lidam com a narrativa, um construto humano, organizam fatos e têm uma preocupação em comum: o processo narrativo no que diz respeito a sua teleologia, causalidade e continuidade.

Palavras-chave: Literatura e História; Pós-modernismo; “Metaficção historiográfica”; Romance histórico.

George Lukács (1976), um dos primeiros teóricos a estudar a escrita histórica de caráter ficcional, define o romance como um gênero inerente à classe burguesa. Para o estudioso, apesar de a ficção histórica clássica ter surgido na estética do Romantismo, ela é anti-romântica por estar intimamente ligada à ascensão da burguesia, às novas mudanças econômicas, sociais e políticas do momento e à conscientização das pessoas em relação à relevância da história do próprio país e do mundo.

Uma das características fundamentais para a existência dos romances históricos é a utilização de dados verídicos para a constituição ambiente. Tradicionalmente, eles representariam um processo apresentado:

- por meio de um universo específico generalizante, tendo como pano de fundo um ambiente histórico totalmente reconstruído.
- a ação do romance se desenvolveria num passado anterior ao presente do escritor;
- as personagens seriam tipos bem marcados, sínteses do geral;

¹ Profa. Ms. em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Rio Preto. Professora do curso de Letras da FAER e Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. e-mail: rejane@yaho.com.br

- tanto os papéis históricos quanto os inventados poderiam figurar em primeiro plano, a depender das convicções do autor. Contudo, às figuras históricas eram relegados papéis secundários, não se constituindo isso uma dificuldade de representação autêntica, ou seja, as figuras estariam lá para ajudar a compor ou contar a história e a situar a época focalizada, agindo de acordo com a mentalidade do seu tempo;
- a figura dos marginais, apesar de ter um valor inegável, fazendo parte e ajudando a contar a história, nunca se apresenta como principal, nem determina a focalização por parte do narrador;
- a descrição detalhada de lugares e personagens seria um modo de incorporação e assimilação de dados a fim de se obter uma veracidade histórica;
- ao narrador desse tipo de escrita caberia à função de focar os detalhes a fim de apresentar e contextualizar qualquer momento histórico.

Segundo o autor de *Le Roman Historique* e outros estudiosos do gênero, o nascimento do romance histórico se deu no início do século XIX, com a publicação dos romances de Sir Walter Scott: *Waverley* (1814), *Ivanhoe* (1819), entre outros. O autor escocês trabalhou, em suas obras, as tensões no âmbito da vida intelectual moderna e tradicional da Escócia e importantes acontecimentos da história britânica.

Scott inovou e superou os romances realistas do século XVIII e as suas noções que visavam garantir circunstancialidade, especificidade de detalhes, além de verificabilidade. E, não obstante trate de assuntos locais, a abrangência de seus romances pode ser considerada universal, pois relaciona-se a conflitos e situações de caráter mais geral que podem se apresentar em outros períodos, isto é, os estágios de progresso da civilização descritos em seus romances são uniformes em várias sociedades.

Ainda hoje, o pioneirismo de Scott é discutido. Mesmo não sendo considerado o fundador do gênero, é comumente aceita a inovação da sua escrita no que diz respeito à forma e ao conteúdo dos modos literários tradicionais de seu tempo, moldando o curso do romance histórico, disseminando o historicismo e influenciando o trabalho de outros escritores.

O herói e sua heroína apresentados em seus romances tinham um ponto em comum: ambos não possuíam grandes convicções e as personagens fictícias se apresentavam, geralmente, em primeiro plano. A sua visão sobre a história é otimista. A sociedade descrita na ficção é vista como uma entidade em constante mudança, em direção ao progresso, contudo um tanto quanto nostálgica em relação aos valores e grandes feitos do passado.

A importância das obras do autor escocês para o gênero do romance histórico, além do caráter inovador, reside no fato de que ele propôs o reconhecimento de se formar o futuro por meio das tradições do passado e dos poderes a serviço do presente.

Conforme Michel Vanoothuysse (1996), o romance histórico é um gênero híbrido por lidar com o fictício, ponto chave para o romance, e com o verídico, inerente ao discurso da história. Ele aborda o universal, mas não parte da realidade histórica para tanto. A descrição é permeada pela ficcionalização de aspectos específicos que, então, podem ser comparados e ligados a outras épocas.

Joseph Turner e Harry Shaw (apud MARINHO, 1999) propõem mais algumas definições sobre o romance histórico. Turner estabelece três tipos de escrita histórica:

- *documented historical novels*, que empregam personagens fictícias e reais;
- *disguised historical novels*, uma recriação histórica, mescla de documento e invenção; e
- *invented historical novels*, onde o narrador desempenha o papel de um historiador, fingindo estar relatando uma realidade extratextual.

Shaw define, de igual modo, três tipos de romance histórico de acordo com o papel desempenhado pela história:

- o tipo pastoral, onde as preocupações do presente são projetadas;
- o dramático, em que a história fornece existência à ficção; e
- o tipo temático, já que o assunto do enredo é a história.

Já para Bernard Guyon (1975), as personagens principais desses romances poderiam ser classificadas em três categorias:

- i. os grandes homens, personagens que se encontram no centro gerador de mudanças das coisas;

- ii. os homens médios, personagens jovens, simpáticas, cujas aventuras pessoais poderiam se passar em algum lugar importante da trama; e, finalmente:
- iii. os grupos, numa renúncia aos heróis, aqui transformados numa classe, em herói coletivo.

Entretanto, as categorias acima descritas ainda podem abranger mais uma, a das personagens marginais, cujos traços exteriores ou interiores as diferenciariam das demais. Elas poderiam ter ou não função definida nos romances históricos tradicionais, recebendo atribuições diversas.

Na maioria das vezes, contudo, a personagem principal do romance histórico se apresenta como um composto dos tipos vistos, se sobressaindo e permanecendo, cada vez mais, a figura romanesca em vez da figura histórica.

Tadeusz Bujnicki (1980) diz que, apesar dos romances históricos se apresentarem na forma de romance, a diferença desse gênero está no resgate do passado glorioso e heroico dos povos e no desafio de transformar história em literatura. O autor distingue o novo gênero das demais formas pela sua força de expressão e riqueza de detalhes, o que dá ao leitor do presente uma ideia da vida e dos costumes da época retratada.

Segundo Bujnicki as suas características principais seriam:

- tema histórico como ponto de partida para a narração;
- interação entre a fama ficcional e o plano histórico;
- tentativa de legitimar o plano histórico pelo uso de referências documentais numa interação com o universo criado ficcionalmente;
- tentativa de recuperar estruturas e estilos do passado;
- o tema é, geralmente, moralizante e heroico;
- escolha pela narração do passado em detrimento do presente e do futuro;
- as personagens dos romances históricos tradicionais representariam valores morais e éticos que, na maioria das vezes, são maneiras utilizadas pelo narrador como forma de criticar o presente.

Por sua vez, os romances pós-modernos, conforme Linda Hutcheon, sugerem que “reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico.”

(HUTCHEON, 1991, p. 147). Assim, visualizamos o caráter combativo dos romances pós-modernos ao aspecto totalizante que revela a imposição de sentido e que se fazia presente nos romances históricos tradicionais.

As obras contemporâneas não aceitam a continuidade inerente às antigas formas narrativas, elas utilizam essa linearidade, mas a questionam.

Jean François Lyotard (1993) define a condição pós-moderna como uma desconfiança das narrativas-mestras, conceito próximo ao da narrativa “totalizante” de Hutcheon. O que os romances pós-modernos fazem, além de chamar a atenção para o papel do ex-cêntrico, do marginal, da fronteira, de tudo aquilo que ameaça a ilusória segurança dos centrados de nossa cultura, é mostrar a responsabilidade dos historiadores e romancistas em fabricar, criar significados por meio de representações.

Na década de sessenta, em meio às discussões sobre o romance histórico, o aspecto totalizante das narrativas começa a ser atacado e questionado por uma necessidade de se privilegiar experiências livres e sem imposições.

A partir do questionamento característico do pós-modernismo, deu-se uma busca pela “destotalização” das formas tradicionais de narrativa que passaram a ter as velhas noções de finalidade, causalidade e continuidade questionadas e subvertidas pela nova categoria de romance emergente, isto é, os romances históricos pós-modernos ou, como Linda Hutcheon denomina, as “metaficções historiográficas”:

Com esse termo, refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos [...] Na maior parte dos trabalhos de crítica sobre o pós-modernismo, é a narrativa – seja na literatura, na história ou na teoria – que tem constituído o principal foco de atenção. A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa a ser base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. (1991, p. 21-22).

A “metaficção historiográfica” institui os limites entre literatura e história, mas em seguida os desafia: “[...] ela estabelece a ordem totalizante, só para contestá-la, com sua provisoriedade, sua intertextualidade e, muitas vezes, sua fragmentação radicais” (HUTCHEON, 1991, p. 155). A nova forma de escrita é, simultaneamente,

fictícia, histórica e discursiva. É metaficcional porque a realidade retratada constitui-se na do próprio discurso e historiográfica, pois aborda a realidade de discursos passados.

Com ela, passamos a ter contato com as histórias dos perdedores e dos vencedores, dos centrados e dos marginalizados. Ela, diferentemente dos romances históricos tradicionais, não pretende contar a verdade, mas sim apresentar outras possibilidades de interpretação e tentar desvendar de quem é essa verdade. Dessa maneira, forma-se um dos princípios definidores do romance histórico pós-moderno que é a flexibilidade de interpretação, importante aspecto, pois proporciona reflexões sobre a própria história.

A ficção pós-moderna tem como interesse, também, a natureza dos fatos narrados. Os fatos não traduzem por si só o que existiu no passado, eles sempre aparecem permeados por um ponto de vista. Com base nisso, é sugerida uma distinção entre fatos e acontecimentos. Os acontecimentos são o que existiu em estado bruto e não têm sentido por si mesmos, enquanto os fatos recebem sentido ao serem narrados, eles são a “lapidação” dos acontecimentos, ou seja, escolhidos para serem narrados.

As suas principais características seriam:

- As personagens marcadas no antigo modelo não têm mais função ou são atacadas ironicamente.
- Os protagonistas dos romances pós-modernos são os marginalizados, os ex-cêntricos que passam a ter maior destaque por serem mais interessantes, já que apresentam tipos históricos e sociais das grandes massas.
- Os marginais condicionam a focalização e podem figurar como principais.
- A instabilidade da focalização mostra a precariedade do passado, facilitando o surgimento de múltiplas perspectivas, além de problematizar o conhecimento da história, favorecendo o surgimento de reflexões sobre questões dadas como certas.
- A descrição detalhada pode incorporar-se, mas a situação não é importante, ou seja, aos detalhes não é dada significação.

Os romances históricos tradicionais são uma contribuição para a Literatura na medida em que relacionaram fatos históricos e construção ficcional. Esse tipo de romance, assim como os Pós-Modernos, mostram-nos que a ligação entre Literatura e História vai além da questão de representação.

Segundo Umberto Eco, os romances históricos tradicionais, “além de identificarem causas do passado para o que veio depois, investigam como essas causas começam a produzir seus efeitos” (apud HUTCHEON, 1991, p. 150), ou seja, eles nos ajudam a entendermos os processos e os motivos pelos quais certas coisas no presente acontecem de determinada maneira. Isso também acontece com o tipo de romance Pós-Moderno conhecido como “metaficção historiográfica” (HUTCHEON, 1991), contudo, esse modelo de romance é autoconsciente em relação ao processo em si.

Atualmente, os romances históricos não são mais considerados histórias fiéis de pessoas ou acontecimentos passados, mas sim recriações desse passado. Dessa maneira, cada época fará essa “reconstrução” de modo a responder seus questionamentos, não podendo, portanto, a História ser considerada a única fonte de informação sobre os fatos passados. Assim, a percepção crítica da História, proporcionada pelos romances históricos contemporâneos, pode contribuir para a formação da identidade do leitor que, conhecendo a História, poderá refleti-la por meio da Literatura, estendendo essa reflexão à análise da sua própria realidade.

Nesse sentido, podemos observar que os romances pós-modernos não fecham a possibilidade de leitura e interpretação de um texto, diferentemente dos romances históricos tradicionais que apresentavam uma história com começo, meio e fim, recheada com uma ideologia, servindo, na maioria das vezes, como forma de dominação intelectual das classes.

Nessa nova forma de narrativa, tudo pode e deve ser questionado. Os romances não surgem para explicar, mostrar ou dar respostas prontas, eles subvertem, questionam, problematizam tudo aquilo que os romances históricos tradicionais e o senso comum davam como certo e já estabelecido.

Essa atitude questionadora dos romances pós-modernos, que é mostrada no texto e na sua estrutura, além de permitir que o leitor construa uma interpretação própria sobre o que é narrado, forma uma autoconsciência em relação aos processos envolvidos na sua criação e na sua constituição. Entretanto, não

podemos perder de vista que essa nova forma de escrita não oferece respostas prontas, ela sugere questionamentos e reflexões ainda mais problemáticos.

Abstract: This article with the relation between Literature and History in the Post-Modern and traditional historical novels. Besides, it establishes some defining features of this genre as much in the past novels as in the contemporary ones. To the end, have to be taken into account that historian and writers work with the narrative, a human construct, they organize fact and they have a worry in common: the narrative process concerning its teleology, causality and continuity.

Keywords: Literature and History; Postmodernism; "Historiographic metafiction"; Historical novel.

Referências Bibliográficas

GUYON, B. Qu'est-ce que le Roman Historique? *Revue d'Histoire Littéraire de la France*. Paris, 75^o année, 2, p. 192-232, 1975.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LUKÁCS, G. *The historical novel*. Translation Hannah and Stanley Mitchell. Middlesex, England: Penguin, 1976. Tradução do alemão.

LYOTARD, J. F. *The Postmodernism condition: a report on knowledge*. Translation Geoff Bennington and Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

MARINHO, M. F. História e ficção ou ficção da História. In: *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1998. p. 9-43.

VANOOSTHUYSE, M. *Le Roman historique: Mann, Brecht, Döblin*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.